

Disciplina: **Leituras de Monografias Antropológicas**
Responsável: **Carolina de Camargo Abreu**
Aluno: **Michel de Paula Soares - nº USP 7617122**

A imagem de Lampião e a Copa que não houve

“O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p.201).

Trago aqui duas experiências vividas junto aos Black Blocs, durante o período da Copa do Mundo de Futebol. A primeira aconteceu no dia da abertura da Copa, durante um ato organizado pelo sindicato dos metroviários e a segunda durante uma passeata do Movimento Passe Livre, ambas em São Paulo, metrópole *exemplar* do país. E a experiência relatada pelos outros. Diversos outros, de hoje e de ontem, pois há fatos do passado não resolvidos que articulam-se ao presente de forma nada harmoniosa, mesmo em dia de festa.

Experiência. O antropólogo José Guilherme Magnani diferencia “prática etnográfica” de “experiência etnográfica”: “enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista” (MAGNANI, 2009, p.136). Imprevisto é um bom termo para descrever meus encontros com *Corisco*, *Volta-Seca*, *Maria Bonita* e *Lampião*, renascidos, incorporados, em momentos de tenso conflito, guerra, confusão. E em nenhum momento falarei sobre futebol, mesmo que esteja observando jovens hiper-ativos que correm, pulam, tropeçam e joguem contra um inimigo muito mais poderoso. Experiência: O Brasil é bom de bola. E de bala.

Experiência:

“Assim, a moeda foi lançada e girou no ar; às vezes apareciam caras, às vezes, coroas. O homem, que é a medida de todas as coisas, fala através de mim e reconta por minhas palavras o que meus olhos viram. De dez caras possíveis, eu talvez só tenha visto uma única coroa, ou vive-versa: não há desculpa; minha boca fala o que meus olhos lhe disseram para falar. Teria nossa visão sido estreita demais, preconceituosa demais ou apressada demais?” (GUEVARA, 2001, p.13)

São Paulo, 12 de junho de 2014, abertura da não-Copa

Contei. Trinta e sete policiais, dispostos lado a lado, impedindo o acesso às catracas da estação Tatuapé do metrô. 14h50min. Muita gente circulando, saindo do trabalho, indo para o trabalho, gente carregando fardos de cerveja, vestindo verde-amarelo a maioria. Perto da bilheteria um grupo de cinco croatas cantando e pulando, como se tudo por ali estivesse “normal”. Sim, na concepção durkheimiana tudo que ocorreu neste dia era completamente normal, padrão FIFA de repressão, vejamos. Espero e observo, nem sei ir embora daqui, a não ser de metrô, deficiência de *capital espacial*, diria Jacques Lévy. De repente um jovem com as mãos algemadas passa perto de mim, conduzido duramente por diversos policiais; parece que ele tenta dialogar, inutilmente; novamente forma-se um alvoroço. Nunca vi tanto estrangeiro junto, nunca vi tantos profissionais da imprensa juntos. Mas voltemos, porque eu vi o primeiro tiro.

Meu amigo Pedro¹

— *Michel, nos encontraremos amanhã, por volta das dez horas, na rua do sindicato dos metroviários.*

Exatamente esta a mensagem que recebi, em meu celular, de um amigo, autointitulado Black Bloc, com o qual havia combinado, dias atrás, para acompanhá-lo nas manifestações contra a Copa do Mundo. Nenhum conselho de segurança, nem de trajeto, o que levar, como vestir-se, apenas o local e a hora. Inocentemente fui, caderninho, caneta e maquina fotográfica. Havia um grande ato marcado, no mesmo horário indicado, para acontecer na estação Carrão do metrô e foi lá, pouco antes das dez, que encontrei-me com outros dois amigos para acompanhar a manifestação. Descendo do trem, ao chegar na catraca da estação, a primeira cena inusitada: policiais revistavam, arbitrariamente, todos os suspeitos e suspeitas, revirando mochilas, bolsas, dando “geral” geral. Passei ileso. Meu amigo Thiago foi revistado e sua bolsa revirada; — *isso é água ou vinagre?*

O entorno da estação Carrão parecia um campo de guerra. Tropa de choque, cavalaria, som de bombas. Sem perder tempo seguimos para o local combinado, por uma

¹ Nome fictício

rua paralela, visto ser impossível transitar a pé pela Radial Leste. O direito à cidade é dos automóveis. Principalmente os que *caminham* apressadamente para o estádio da abertura da Copa. No trajeto, duas quadras distantes dali nos deparamos com um “enquadro” truculento: cerca de seis jovens, mão na parede, perna aberta, mochila no chão, tapa e sopetão. Parei ao lado de uma senhora, que acompanhava a cena com um celular na mão, e tirei algumas fotos. Ela morava na casa em frente e dizia, baixinho, mas para ser escutada por mim, — *isso mesmo, tem que prender esse bando de vagabundo.*



Figura 1: Gentileza gera gentileza.

Seguimos, desconfiados com a naturalidade da cena. Teria sido assim durante os anos setenta, no auge do período repressivo ditatorial?

O que eu não sabia era que havia um ato marcado pelos próprios metroviários para o dia, mesmo horário, as dez da manhã. A quadra do sindicato dos metroviários fica ao lado da Radial Leste e o carro de som já ocupava o meio da rua quando chegamos. Um cordão de policiais impedia o acesso à Radial Leste e o porta-voz do sindicato já avisava no microfone que a passeata sairia pelas ruas do bairro, e não pela avenida principal. Parece que o sindicato não sabia, mas a passeata seria “apoiada” pelos Blak Blocs, queiram eles ou não.

Paramos na esquina oposta, em frente a uma padaria. Ali também se juntavam os polêmicos atores sociais os quais estava interessado. Reconheci meu amigo Black Bloc, encapuzado, no meio da rua. Ele cumprimentou-me, à distância, mas não se aproximou. Naquele momento sua identidade não permitia nossa amizade, pensei. Além do mais, eu não compartilhava nenhum dos códigos comuns entre eles. Há mulheres também, garotas, assim como os homens são, em grande parte, jovens. A maioria usa roupas pretas, símbolos anarcopunks, cabelos moicanos, vários carregam skates – lembrei-me de uma banda punk dos anos oitenta, *Grinders*, que usava o logo *skate-punk* – e os rostos cobertos, camisetas, máscaras, símbolo maior dos Black Blocs. São dezenas, conversam entre si, circulam pela

rua, montam táticas decerteunianas² e festejam. Sim, parecem felizes por estarem juntos e os cumprimentos são calorosos. Pensando com Marcel Mauss, comecei a reparar na disciplina dos corpos: um dos jovens, encapuzado, inicia uma entrevista com um grupo de jornalistas japoneses, conversando em inglês, e logo é reprimido por outro membro: —



Figura 2: Cobertura internacional da Copa.

Black Bloc não dá entrevista para a imprensa! ele grita. Outros trocam materiais de proteção (luvas, máscaras,...), livros e potenciais *armas* (pedras, latas de spray,...). Aliás, aos poucos entrou em cena um outro grupo que chamou-me a atenção, tanto quanto os Black Blocs. *Where are you from?* Canadá, Japão, França, Suíça, Argentina, Coréia do Sul...perdi as contas de quantas vezes fiz esta pergunta. *Imprensa* de diversas partes do mundo estavam ali e não perguntavam sobre o jogo de

abertura da Copa. E são os melhores preparados, do lado de cá, para um confronto, que se mostrava iminente e só eu não percebia. Capacetes, coletes à prova de bala, óculos de proteção, máscaras, verdadeiros super-heróis da modernidade. Buscavam entrevistas, conversavam entre si, descreviam o cenário em diversas línguas, aqueciam (incentivavam?) os manifestantes. Imprevisto: de repente um senhor arrasta um jovem encapuzado do meio da multidão para uma esquina, logo imaginei que seria um policial à paizana, mas não. Era o pai do rapaz! Cercados pela imprensa, discutem acaloradamente, chora o jovem, já sem o rosto coberto. — *Vocês vão ficar famosos heim!* alguém grita da multidão, prevendo a entrevista dada pela família para o Fantástico do domingo seguinte. Matéria para a imprensa sensacionalista (pleonasma?), margem da margem do acontecimento principal, capa de jornal que esconde diversas relações de poder e opressão que ocorrem “naturalmente” para

² *Estratégia e tática* são duas categorias utilizadas por Michel de Certeau (1994, pág.46) em sua obra “A Invenção do Cotidiano”. As *táticas* – muitas práticas cotidianas, pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcia de “caçadores”, etc – “manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as *estratégias* escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”.

que a Copa seja um sucesso. Li certa vez que jornalismo é a arte de escrever entre anúncios. Esqueci-me onde.

Em pouco tempo chegou o Choque da polícia militar e fechou a rua perpendicular ao sindicato. Dois caminhões com mais de vinte soldados cada. Estava pronto o cenário do conflito. Primeiramente fiquei próximo dos Black Blocs. Juntaram-se na esquina oposta e montaram uma barricada com lixeiras (e seus conteúdos), pedaços de madeira, placas de trânsito arrancadas e tudo mais que estivesse disponível de imediato. Botaram fogo em tudo. Como são corajosos, surpreendi-me; gritam e xingam os policiais, mas não agredem ninguém, nem mesmo moradores que passam pelo local tranquilamente passeando com seus *pets* e discordando publicamente da manifestação. Parte da imprensa também ficou perto da recente fogueira. Outra parte correu para próximo do Choque; fotos, filmagens, comentários e também fui, curioso para observar a relação entre o poder oficial e a imprensa mundial. Um grupo da Tv Gazeta posiciona-se no telhado de uma casa, no meio da rua, buscando o melhor ângulo para “cobrir o evento”. Fiquei na calçada, ao lado do batalhão, tirei algumas fotos e iniciei uma conversa com uma senhora que estava na porta de casa, assistindo a cena. Observando atentamente, vejo um soldado sair do caminhão e dando um toque no ombro de um soldado que carregava uma espingarda; num movimento



Figura 3: Choque, TV, Pilates.

repentino este aponta para os manifestantes e dispara, não para o alto, não para o chão e sim na direção dos manifestantes. Outros soldados começam a atirar também, bombas, balas de borracha, e o revide é imediato: pedras, vidros, tudo ali, numa pacata rua de classe média, com seus carros populares e bandeiras da seleção, em pleno campo de batalha, dia da abertura da Copa do Mundo. Vai Brasil! Eu já havia corrido, obviamente, para uma praça que se encontrava na rua ao lado, percebendo a inocência de estar ali sem nenhum tipo de proteção, preocupadíssimo com meus amigos que estavam do lado de lá do conflito. Tudo transformado em espetáculo pela imprensa, meta-teatro da vida cotidiana. Corpo e sangue.

São Paulo, 19 de junho de 2014. Feriado de *Corpus Christi*

“Nesta data os católicos celebram a Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo. Este feriado foi criado pelo Papa Urbano IV em 11 de agosto de 1264”.³

Nenhum policial. Exatamente nenhum policial. Assim saiu a passeata organizada pelo MPL (Movimento Passe Livre) da Avenida Paulista com direção à Marginal Pinheiros. Manifestantes éramos milhares, entre os quais meu amigo Pedro e outras dezenas de mascarados que, como de praxe (e eu não sabia), tomam a linha de frente do ato. Diferente da semana passada, um clima amistoso toma conta do evento e ouço novamente um canto que não ouvia desde as passeatas do ano passado: “*que coincidência, não tem polícia, não tem violência*”. Isso até alcançarmos uns 200 metros da Avenida Rebouças.

Fifa ama a polícia. Começam os mascarados a pixar todo o trajeto. Fachadas, tapumes, prédios residenciais, nada escapa à tinta preta do spray. Menos imprevisto: primeira confusão, fim do clima amistoso de feriado-copadomundo. Alguns Black Blocs apedrejam um banco, outros manifestantes tentam impedir o ato e obtêm êxito nessa proibição. Outros bancos estão no caminho, prováveis alvos. Dessa maneira, algumas pessoas começam a formar um ‘cordão humano’ em frente a esses alvos, com intuito de preservar o patrimônio e manter a manifestação ‘em ordem’. Assim seguimos, entre pixações e proibições, até chegar à Marginal.

Porque o MPL havia planejado uma grande festa popular na Marginal Pinheiros, que já se encontrava fechada. Entre as atrações estavam um cantor de *hip-hop*, um jogo de futebol de rua, carro de som e uma encenação simbolicamente marcante: a queima de diversas catracas (feitas de papelão), bandeira maior da luta do Movimento. Rodeadas pela imprensa, pegavam fogo as catracas, sendo puladas pelos manifestantes mais ávidos. Esquenta o clima. Talvez seja a fogueira, talvez a ausência de policiais, ou a combinação destes fatores mais um canteiro de obras que se encontrava ao lado de uma loja de carros de luxo, bem em frente à festa promovida pelo MPL. Começam os mascarados a carregarem todo tipo de entulho, andaimes, madeira, ferro, para dentro da Marginal. Formam uma

³ Fonte: <http://feriados2014.com/corpus-christi-feriado-2014/>

estranha ‘obra de arte’ no meio da avenida e atei fogo. Os Black Blocs fariam sua própria festa.

Próximo a mim, chama atenção em um grupo de sete jovens mascarados que conversam entre si. Um deles vestia a camiseta da banda *Raimundos*: uma caricatura de um homem com chapéu de cangaceiro. Um outro passa por mim em direção a um dos líderes do MPL, presto atenção na curta conversa:

— *Nós decidimos atacar a Mercedes.*

— *Então nós vamos embora,* responde o rapaz do MPL.

Enquanto este rapaz busca organizar o ato para abandonar o local e seguir sentido Bairro de Pinheiros, observo os mascarados dirigirem-se à frente da loja da Mercedes e começarem as pedradas. Quebram as vidraças, adentram a loja e começam a destruir os carros. “Em lampejos, irrompem imagens do passado” (DAWSEY, 2013, p.79). Lampeja a imagem de Lampião no corpo do encapuzado. Representante máximo do cangaço, violento, marginal, revolucionário, inimigo do poder instituído. Entrou para o cangaço para vingar a morte do pai por um policial. Eu observo o ataque, assim como fazem dezenas de jornalistas e fotógrafos. Observo os outros membros do bando. Automóveis de trezentos mil reais sendo destruídos por jovens que lutam para abolir os três reais do preço da passagem dos ônibus. Justiça? Violência? Há mulheres, como havia dito, e apedrejam também. Em pouco tempo chega a polícia com o batalhão do Choque. Todos correm, inclusive eu, óbvio, como se estivesse numa maratona entre a vida e a morte. Ao lado do bando de Lampião.

Notícias do *front*

A imprensa, na sua sede de captação de leitores, deforma o assunto, fazendo que essa deformação atinja o sensacionalismo, fonte de venda certa, mas que no fundo nada vem acrescentar à compreensão do fenômeno.

"[...]São jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados. Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos e o que se toma por símbolos do poder

capitalista. O que vidraças de agências bancárias têm a ver com ônibus?

Os poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça além de capuzes justificam a violência como reação à suposta brutalidade da polícia, que acusam de reprimir o direito constitucional de manifestação. Demonstram, com isso, a ignorância de um preceito básico do convívio democrático: cabe ao poder público impor regras e limites ao exercício de direitos por grupos e pessoas quando há conflito entre prerrogativas.

[...]

No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpre investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também a impunidade é o maior incentivo à reincidência.”⁴

Outras vozes circulam, de papel em papel, a panfletagem é um símbolo dos movimentos populares:

“A repressão policial nas periferias e nas manifestações de caráter político são uma constante no país: os casos recentes de perseguição ao Black Bloc, as mortes de Amarildo e Ricardo, os assassinatos na Favela da Maré, a repressão nos atos do MPL, nos atos contra a copa e na visita do papa apenas atualizam uma infindável lista de exemplos como as ações do governo federal e da Força de Segurança Nacional nas greves das obras de Jirau e Belo Monte, e as realizadas pela PM paulista nas constantes reintegrações de posse em ocupações de moradia, como em Pinheirinho, no início de 2012, e nas intervenções em universidades, como a Unesp, em 2007 e 2013, a USP, em 2007, 2009 e 2011, e a Unifesp, repetidas vezes, desde 2007 até 2012”.⁵

E a internet. Redes sociais capazes de integrar pessoas, coletivos, organizarem atos e movimentos. A revolução será *facebookzada*?

“O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo e apartidário que luta para que o transporte seja público de verdade: gerido fora da iniciativa privada, sem tarifa e nem catraca. Se queremos transformar o sistema de transporte e a cidade, não podemos esperar de braços cruzados. Por isso nos organizamos em nossos bairros e escolas para discutir os problemas do transporte e lutar, nem que para isso seja preciso sair às ruas, fechar avenidas, montar barricadas, ocupar terminais e pular catracas”.⁶

⁴ Fonte: Editorial do jornal Folha de São Paulo do dia 13/6/2013

⁵ Panfleto do Comitê Estadual contra a Repressão recebido na quinta, 19 de junho de 2014.

⁶ Fonte: <http://saopaulo.mpl.org.br>

Explosão

A justaposição da imagem de Lampião com as imagens dos mascarados talvez nos revele que os problemas sociais, políticos e econômicos causadores do cangaço, que nasceram com o colonialismo e atravessaram toda a nossa história enquanto nação, ainda estejam presentes na atualidade. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1985, p.224). Durante os atos, a disputa pelo cenário revela as contradições de um país marcado pela repressão. Porque se existe uma característica que nos une enquanto nação talvez seja a violência praticada pelo Estado para com seus cidadãos.

Para Ranulfo Prata, “o sentimento sertanejo vê no cangaço a explosão do seu anseio de justiça contra as formas estabelecidas pelos abusos políticos e pelas ordens dos coronéis, que vêm formar um complexo de justiça injusta, arbitrária e inulateral” (PRATA, 1982, p.11). Black Bloc é uma explosão, uma vingança, embora também, como forma de justiça, não venha satisfazer ao desejo de ternura de uma gente humana e piedosa, boa de samba e de futebol, que só aspira à paz e algum dinheiro para levarem os filhos passearem no shopping.

12 de junho, 15h30min. Voltando para casa, revendo as fotos e atordoado, deparei-me com um grande grupo de jovens, cerca de vinte pessoas, no vagão do trem, sentido Estação da Luz. Novamente, dirigi-me a um dos rapazes e atrevi-me: —Where are you from? Austrália foi a resposta. Ele perguntou-me se assistiria ao jogo do Brasil e respondi que não estava muito interessado. Ele insistiu na conversa, dizendo-me que havia visto muita gente descontente com a Copa em nosso país. Então respondi que, para que ele estivesse feliz e em festa, muitos brasileiros tiveram seus direitos de cidadãos proibidos; me arrependi depois.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Brasília: Editora Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Brasília: Editora Brasiliense, 1985.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- DAWSEY, John C. *De que riem os Boias-Frias? Diários de Antropologia e Teatro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013
- GUEVARA, Ernesto Che. *De moto pela América do Sul – diário de viagem*. Tradução de Diego Ambrosini. São Paulo: Editora Sá, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme. “Etnografia como prática e experiência”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, 2009, pp. 129-156.
- PRATA, Ranulfo. *Lampião*. São Paulo: Editora Traço, 1982.